



Insubmissas Lágrimas de Mulheres

7ª edição

Conceição Evaristo



Sumário

Aramides Florença	9
Natalina Soledad	19
Shirley Paixão	27
Adelha Santana Limoeiro	35
Maria do Rosário Imaculada dos Santos	43
Isaltina Campo Belo	55
Mary Benedita	69
Mirtes Aparecida da Luz	81
Líbia Moirã	87
Lia Gabriel	95
Rose Dusreis	105
Saura Benevides Amarantino	117
Regina Anastácia	127

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desse fio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

Aramides Florença

Quando cheguei à casa de Aramides Florença, a minha igual estava assentada em uma pequena cadeira de balanço e trazia, no colo, um bebê que tinha a aparência de quase um ano.

Esta é a minha criança, — me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra —, o meu bem-amado. O nome dele é Emildes Florença.

E susteve a criança em minha direção, como se fosse me oferecer um presente. O menininho sorriu para mim, percebi que alguns dentinhos enfeitavam a sua pequenina boca e reconheci no gesto dele um aceno de boas vindas. Por uns momentos me esqueci da mãe e me perdi na contemplação do filho. Ele começou a balbuciar algo que parecia uma cantiga. Aramides me olhou, dizendo, feliz, que o seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. Eu percebi, intrigada, que, tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação de corpo do menininho, o melodioso balbucio infantil se assemelhava a uma alegre canção. Teria a criança, tão novinha, — pensei mais tarde, quando ouvi a história de Aramides Florença, — se rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava?

Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno. A sopinha que o pediatra havia recomendado, e que a mãe preparava cuidadosamente, o bebê mal provava, recusando sempre. Ela, pacientemente, insistia, cantava, dançava, sorria. Ele também fazia festas à festa da mãe. Mas quanto ao aceite da comidinha, nada. O pediatra insistia para que ela deixasse a criança padecer um pouco de fome. Aramides detestou a brutalidade da sabedoria pediátrica; entretanto, cumpriu o conselho. Passou quase um dia sem amamentar a criança. No final da tarde, seus seios jorravam uma láctea aflição, que lhe empapava toda a veste, enquanto o pequeno faminto jazia triste, sem um choro sequer, quieto no bercinho. Subversivamente, a mãe descumpriu a ciência médica e ofereceu os seios ao bebê. E, desde então, uma peleja, a única, ameaçava o cotidiano dos dois. Não mais com o sacrifício da fome, que essa arma Aramides considerava suja. Preferia o jogo da sedução, a dança e a música, mas a esperteza infantil era também grande. E o jogo que o filho fazia, emparelhado ao dela, era mais sedutor. A vitória sempre pertencia ao pequeno. Entretanto, nem sempre fora assim, antes havia a figura do pai por perto.

O nome do pai do menino desconheço, pois Aramides Florença só se referia ao homem que havia partido, como “o pai de Emildes”, ou como “o pai de meu filho”.

Florença tivera uma gestação feliz. Ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre. Vivia a espera de um encontro, em que o homem certo lhe chegaria, para ser o seu companheiro e pai de seu filho. Um dia, realmente esse homem apareceu. Foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos. Ela, chefe do departamento de pessoal de uma promissora empresa; ele, funcionário de um grande banco. Sem muitas preocupações e apertos econômicos, conseguiram montar um modesto, mas confortável, apartamento. A vida seguia conforme as expectativas dos dois. A gravidez desejada logo aconteceu. Sentindo-se bem-aventurados, se rejubilaram quando o exame de urina deu positivo. Desde então, os dois grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir. Não tinham preferência quanto ao sexo e, a cada vez que a gestante deitava para fotografar o bebê, ainda morador da casa interna da mãe, o casal repetia a uma só voz para o médico:

— Não nos diga o sexo da criança, queremos experimentar a surpresa.

E, durante os nove meses, vivenciaram as excitações dos parentes e amigos em seus prognósticos. Um enxoval multicolor foi preparado para atender se menina ou se menino fosse. Jogos de adivinhas, entretanto, eram realizados pelas pessoas que participavam da intimidade do casal. Garfos e